



**FERNANDA
MELCHOR**

**ISTO
NÃO É
MIAMI**

ELSINORE

ÍNDICE

7

Nota da Autora

–

11

I LUZES

Luzes no Céu, 13

A Cintura do Vício, 25

Isto não É Miami, 33

Rainha, Escrava ou Mulher, 43

Uma Prisão à Filme, 63

–

71

II FOGO

O Corrido do Queimado, 73

A Casa de Estero, 83

–

121

III SOMBRA

Não Se Metam com os Meus Rapazes, 123

Um Bom Elemento, 133

Insónia, 137

A Vida não Vale Nada, 143

Veracruz Escreve-se com Z, 153

–

169

Agradecimentos

–

NOTA DA AUTORA

Viver numa cidade é viver no meio de histórias: as que se escrevem nos livros, as que circulam nos jornais e ecrãs, as que se transmitem boca-a-boca e mudam numa lógica semelhante à dos vírus, essas entidades que não estando vivas se replicam num esforço obstinado para permanecer no mundo.

A cidade é o terreno onde as histórias se criam e se reproduzem. E é também o lugar onde morrem. As histórias extinguem-se porque a cidade, palco da realidade, é silenciosa apesar do seu bulício: não pode contar-se a si mesma, não pode aliás contar nada. As histórias, como já assinalou Sartre, não são contadas pela realidade, são contadas pela linguagem humana, pela memória.

Mas a linguagem é traiçoeira: quantas vezes não ficámos pasmados perante uma coisa que não conseguimos descrever, uma atmosfera, um semblante, um sentimento? Queremos narrá-la e as palavras que escolhemos revoltam-se como feras indomáveis. Queremos dar um relato fiel da realidade, de um pequeno fragmento da realidade, e acabamos por falar da nossa finitude, dos nossos próprios medos e desejos. Desconfiamos das palavras porque — especialmente nesta era obcecada pela imagem e pelo registo — elas nos parecem demasiado

ruidosas para fazerem eco do silêncio e, ao mesmo tempo, demasiado opacas para referirem o turbilhão da existência.

O conjunto de relatos que o leitor tem nas mãos foi escrito numa tentativa de contar histórias naquela que considero ser a forma mais honesta possível: aceitando o carácter oblíquo da linguagem e aproveitando-o em favor da própria história. Não importa que seja impossível «reproduzir» a realidade com uma ferramenta que deixa as mãos feridas; não importa que qualquer imagem no nosso computador, por inútil que seja, valha mais do que mil palavras. As histórias nascem na linguagem e nela alcançam o seu significado mais profundo, aquele que escapa aos gravadores e às câmaras, aquele enraizado nas vozes e nos gestos da tribo. Não tenho a certeza se cumpro inteiramente esta missão, mas posso afirmar que tentei, mesmo antes de formular estas considerações.

A maior parte dos relatos que compõem *Isto não É Miami* foi escrita num intervalo de dez anos, entre 2002 e 2011. Alguns foram originalmente publicados nas páginas da lendária revista *Replicante*. Para esta nova edição, quis incluir uma nova versão, mais completa e menos tendenciosa, da trágica história de Evangelina Tejera, além de um relato inédito, «A vida não vale nada», escrito na mesma altura das crónicas da primeira edição: durante a calamitosa convergência dos governos de Fidel Herrera Beltrán como governador de Veracruz e de Felipe Calderón Hinojosa como Presidente da República.

Alguns dos textos que compõem este livro podem ser enquadrados no género jornalístico da crónica. Outros resistem a qualquer classificação: prefiro chamá-lhes «relatos», na primeira aceção do termo, isto é, «conhecimento que se transmite, geralmente pormenorizado, de um acontecimento». Também não são textos jornalísticos, porque não incluem datas, dados

concretos ou matrículas de automóveis (em parte, para proteger as minhas fontes), nem ficções realistas: as lágrimas, os homens armados ou as crianças feridas não são invenções. A única ficção que estou disposta a reconhecer nestes relatos é aquela que permeia toda a construção da linguagem humana, desde a poesia às notas de rodapé: a sua *forma*, a sua estrutura narrativa. Recordemos a etimologia da palavra «ficção», *fingere*, que em latim significa «modelar», «dar forma». A realidade não tem vontade própria ou um sentido deliberado; assim, tanto o romance como a reportagem são sempre, de certa maneira, «fictícios», na medida em que são artificios e não podem ser confundidos com a própria vida.

O leitor encontrará nestas páginas relatos que se recusam a dialogar com a História com H maiúsculo; os textos não procuram alimentar-se de um determinado episódio, mas sim do seu efeito na sensibilidade das testemunhas. As histórias a que me refiro nascem de factos concretos (um grupo de clandestinos encalhados no porto; um ritual de exorcismo típico de Veracruz, por exemplo), mas, na sua natureza subjetiva, transcendem o mero episódio para se centrarem na experiência transformadora dos seus protagonistas, da mesma forma que o texto que dá nome a este livro não conta somente a história de uns pobres diabos que confundiram Veracruz com Miami, mas também a de um rapaz que, numa noite de inverno tropical, é confrontado pela primeira vez com o rosto da brutalidade e da vingança.

Sei que a subjetividade humana é talvez o campo menos jornalístico que pode existir e que, apesar desta minha lengalenga, alguns dos meus relatos correm o risco de parecer ficções. Não me resta senão garantir ao leitor que a minha intenção ao escrever foi sempre a de contar uma história com

o máximo rigor e o mínimo ruído possível; que as palavras usadas provêm do conhecimento íntimo dos meus informadores, do meu escrutínio, por vezes impiedoso, das suas percepções e, é claro, do meu próprio envolvimento nos factos e lugares descritos.

Aqui, o leitor não encontrará qualquer fobia à subjetividade ou relutância em sacudir os elementos narrativos para conferir aos factos humanos um sentido diferente, mais próximo da experiência individual do que da notícia. Também não encontrará pura ficção ou fantasia, apenas histórias que poderiam ter acontecido em qualquer lado, mas que, sabe-se lá por que destino inexorável, só puderam nascer neste sítio.

FERNANDA MELCHOR
Veracruz, outubro de 2017

I
LUZES

LUZES NO CÉU

No início da década de noventa, a Playa del Muerto era apenas uma faixa de areia acinzentada localizada em Boca del Río, cidade do município homónimo de Veracruz. As dunas escaldantes estavam repletas de mato cheio de espinhos onde ficavam presos os ramos apodrecidos e as garrafas de plástico que o rio arrastava das montanhas quando subiam as águas. Não era uma praia muito concorrida nem particularmente bonita (se é que existe alguma praia nesta parte do Golfo do México que realmente o seja) e havia vezes — especialmente durante a maré cheia e as tempestades — em que desaparecia, e nem os quebra-mares impediam que as ondas invadissem a estrada que unia as duas cidades.

Os habitantes locais evitavam-na. Dezenas de banhistas intrépidos, especialmente os que vinham da Cidade do México, encontravam todos os anos a morte nas suas águas traiçoeiras. «Proibido nadar», diziam os cartazes colocados a poucos metros da água. «Cuidado com os agueiros», advertia uma caveira tosca pintada à mão com tinta vermelha. A ressaca poderosa que empurrava o caudal da ria para a ponta

de Antón Lizardo enchia a Playa del Muerto de agueiros, depressões subaquáticas que geravam correntes erráticas em que era fácil alguém afogar-se.

Tinha nove anos quando vi as luzes, brilhantes como pirilampos, contra a tela negra da praia. A outra testemunha foi Julio, o meu irmão, a quem faltavam seis meses para completar sete anos. Destruíamos a casa de um caranguejo-azul, remexendo na areia com um pau, quando um breve clarão nos fez olhar para o céu. Cinco luzes brilhantes pareceram emergir do fundo do mar, flutuaram uns segundos sobre as nossas cabeças e depois fugiram pela terra adentro, para o estuário.

– Viste? – disse Julio, apontando para o horizonte.

– Claro que sim – respondi. – Não estou cega.

– Mas o que é aquilo? – perguntou-me.

– É uma nave extraterrestre – repliquei, maravilhada.

Mas quando voltámos a correr até à fogueira para contar aos adultos, ninguém nos ligou, nem sequer os nossos pais. Afastados do fogo e do resto do grupo, discutiam tão acesadamente que não quiseram ouvir-nos.

Semanas antes, acontecera uma coisa extraordinária: na quinta-feira, 11 de julho de 1991, teve lugar aquilo a que se chamaria «o eclipse solar total mais longo do século xx». Naquela tarde, os olhos do México estavam postos no firmamento, esperando com impaciência o milagre que converteria o Sol num aro de fogo e a Lua numa mancha. O eclipse não seria visível a partir de Veracruz, mas que importava? Tínhamos o ecrã da televisão, que repetia incansavelmente um plano fixo do céu e uma sucessão de imagens dos habitantes das principais cidades onde, aí sim, se poderia ver o fenómeno:

milhares de pessoas reunidas em praças e praias e açoteias e separadores centrais, a olhar para o céu com periscópios de cartão e óculos especiais. Os noticiários advertiam incansavelmente o perigo de olhar diretamente para o eclipse: podíamos queimar as retinas e ficar cegos para sempre, e eu pensava que era uma grande sorte o porto de Veracruz ficar fora da faixa de totalidade do fenómeno, pois não me julgava capaz de reprimir a vontade de olhar para aquele perturbador Sol negro, e de certeza que o brilho concentrado me derreteria os olhos como se fossem de cera, ou pelo menos era assim que eu imaginava.

Eu não sabia, mas, no mesmo instante em que a minha família e eu olhávamos apalermados para o eclipse na televisão do quarto da minha avó, um homem chamado Guillermo Arreguín gravava o céu da Cidade do México com uma câmara de vídeo, comodamente instalado na varanda da sua casa, a sul do Periférico. Guillermo Arreguín estava mais interessado nos planetas e nas estrelas e restantes corpos celestes, que, segundo tinha lido numa revista de astronomia, brilhariam com grande esplendor graças ao crepúsculo forçado, do que no clímax do eclipse. Quando o céu escureceu, Arreguín apontou a câmara para um lado e outro da varanda repetidas vezes. Durante um destes movimentos, conseguiu captar um objeto estranho que parecia flutuar por cima dos edifícios circundantes.

O vídeo de Arreguín chegou ao noticiário 24 horas nessa mesma noite. Uns dias depois, um artigo de *La Prensa* descrevia o objeto da gravação como «sólido», «metálico» e rodeado de «anéis de prata». Mas a palavra «extraterrestre» só faria a sua triunfante aparição na sexta-feira, 19 de julho, numa emissão do programa de debates *Y usted... ¿Qué opina?*

dedicada por inteiro à discussão da suposta presença de alienígenas na Terra e a recente vaga de avistamentos de objetos voadores não identificados em diversas cidades mexicanas. Durante a transmissão do programa — com a duração recorde de onze horas e dez minutos em direto —, o moderador Nino Canún deu a palavra a um homem barbudo chamado Jaime Maussan, que se autodenominou «ufólogo» de profissão e que afirmou ter em seu poder pelo menos mais quinze gravações do mesmo «objeto brilhante» que Arreguín tinha captado. Maussan garantia que os referidos vídeos não só tinham sido gravados por diferentes pessoas em diferentes cidades do país, como até submetidos a «testes» que demonstravam que o objeto era, efetivamente, uma nave extraterrestre, e aproveitou a agitação que causou no público para promover o seu próximo documentário, *El Sexto Sol*, no qual prometeu revelar a verdade por trás daqueles misteriosos avistamentos.

Começou assim a vaga óvni no México.

Nesse verão, aprendi tudo o que havia para saber sobre o tema: os homenzinhos cinzentos, os «raptos», o complô dos Homens de Negro, a relação dos extraterrestres com a construção da Grande Pirâmide no Egito e os círculos de trigo sobre os campos de Inglaterra. Todo aquele fascinante conhecimento me foi revelado graças a duas fontes: a televisão (ou melhor, o documentário *Luces en el Cielo II*, do senhor Maussan, que a avó nos comprou, a Julio e a mim, depois de inúmeros pedidos e contra a veemente opinião do meu pai e dos nossos tios engenheiros) e as pilhas de banda desenhada que eu devorava todas as semanas. Passava as tardes praticamente deitada de barriga para baixo, com os meus olhos a saltarem da caixa idiota para as páginas coloridas.

Em matéria de banda desenhada, eu era mesmo uma ingenuazinha: naquela altura gostava das «histórias» de Archie, da Luluzinha, das *Aventuras do Tio Patinhas*, e não passava disso. Mas havia no quiosque uma publicação em destaque que me atraía e fascinava como a luz às traças: o *Semanario de lo Insólito*, uma verdadeira enciclopédia do choque e do terror, um breviário de monstros humanos e fotografias manipuladas de baixíssima qualidade. Ainda hoje recordo algumas «reportagens» inspiradoras que tive o privilégio de ler nas suas páginas: a manta-raia-gigante-antropófaga-voadora das ilhas Fiji; a professora da primária que tinha um terceiro olho na base do crânio, com o qual espiava as travessuras dos seus alunos; a sombra de Judas enforcado dentro de um dos olhos da imagem da Virgem que tinha aparecido milagrosamente no *ayate* do índio Juan Diego; e, claro, a autópsia de um cadáver extraterrestre realizada na localidade de Roswell, Novo México; entre outras preciosidades.

Graças a estas edificantes leituras pude compreender, durante o verão dos meus nove anos, que a estranha luz que Julio e eu vimos na Playa del Muerto não podia ser outra coisa que não uma nave interplanetária tripulada por pequenos e sapientíssimos seres que tinham conseguido desafiar as leis do tempo e da matéria. Possivelmente vinham avisar-nos de algum cataclismo iminente que destruiria a Terra, agora que o fim do milénio estava ao virar da esquina e as pessoas continuavam mergulhadas em guerras estúpidas que matavam crianças e enchiam de petróleo os pobres pelicanos do Golfo Pérsico. Talvez procurassem alguém que pudesse compreendê-los, alguém a quem legar a sua ciência e os seus segredos. Talvez se sentissem sozinhos, pensava eu — talvez

porque eu própria me sentia só e estranha no mundo, até na minha própria família —, deambulando pelo cosmos nas suas naves de silício, à procura, sempre à procura, de um planeta mais acolhedor, outros mundos, outros lares, novos amigos em galáxias distantes.

Depois do avistamento que presenciámos na praia, Julio e eu tomámos a firme decisão de vigiar o céu. E, precisamente como Maussan parecia ter demonstrado, era mais provável que nos levassem a sério se conseguíssemos captar alguma prova.

O problema era que o nosso pai se recusava a emprestar-nos a sua câmara de vídeo.

— Como é que podem acreditar nisso? — bramava. — Como é que podem ser tão parvos? — surpreendia-nos ele, quando estávamos com o nariz colado ao ecrã da televisão a tentar decifrar os misteriosos sinais de Nazca.

O nosso pai não suportava Maussan. A sua barba grisalha e o seu olhar de cachorrinho abandonado punham-no com um humor irascível e explodia sempre que ouvia o som da voz do nosso profeta. Chegou até a ameaçar-nos esconder o leitor de VHS.

— Por amor de Deus, não veem que está sempre com cara de pedrado?

Pobre pai, não conseguia compreender. Não podíamos zangar-nos com ele; no fundo, até tínhamos pena dele. Mas a nossa mãe era diferente. A nossa mãe ouvia as nossas teorias e fantasias sobre o óvni da praia, e ria-se, e despenteava-nos os cabelos, e uma noite, ela e um grupo de amigas levaram-nos de volta à Playa del Muerto para que pudéssemos ver novamente a nossa nave extraterrestre.

Naquela noite, estava lua cheia, e a água, banhada pelo reflexo argênteo do astro, estava tão quieta que parecia um enorme espelho. Mas tudo tinha mudado desde a última vez que lá estivéramos, no início de julho: agora o local estava cheio de carros e de gente. Uma multidão de corpos adolescentes cobria as rochas do quebra-mar e apinhava-se em volta de fogueiras acesas de mato seco. Dezenas de carros enchiam a areia, estacionados tão perto da margem que a água salgada lhes molhava as jantes. Os arrotos, as buzinelas, os acordes dos Soda Stereo abafavam o murmúrio do vento. Casais apaixonados nos tejadilhos dos carros ocultavam os seus rostos das luzes das câmaras. Vi com horror como as equipas televisivas instalavam tripés para filmar a festa. Vi mulheres gordas a destruir as dunas aos tropeções. Vi pirralhos a apontar para o céu com os dedos pegajosos de gelado, perguntando em voz alta: «Mamã, a que horas é que vem o óvni?»

— Que porcaria! — disse Julio passado um bocado e, sem mais explicações, correu para ir jogar à Batalha com outros miúdos que ali estavam. Pensei que não havia maneira mais covarde de desistir da causa.

Depois do que me pareceram horas a perscrutar a escuridão do céu sem êxito, comecei a sentir sono. Regressei ao sítio onde estava a minha mãe e aninhei-me nas suas pernas. O hálito dela cheirava a vinho, os seus dedos a tabaco. Falava do óvni com a sua amiga; de umas luzes — brancas e vermelhas — que se conseguia ver ao longe, mas eu já não tive forças para abrir os olhos.

— Tanta confusão por uma avioneta de *narcos* — disse a minha mãe.

— Deixa lá. Pelo menos é um pretexto para fazer a festa — acrescentou a amiga.

Os primeiros relatos de atividade aeronáutica irregular detetada sobre os municípios de Sotavento (Veracruz, Boca del Río, Alvarado e Tlalixcoyan, principalmente) datam de finais dos anos oitenta. Os habitantes das zonas rurais — dedicados sobretudo à pesca e à criação de gado — estavam já habituados à presença das luzes noturnas. Os mais velhos chamavam-lhes «bruxas»; os mais informados, «avionetas». Até conheciam o local onde as luzes desciam: o Llano de la Víbora, uma brecha natural bordejada por arbustos espinhosos que o Exército e a Polícia Judiciária utilizavam muitas vezes como pista de aterragem.

Nessa planície natural que se elevava entre charcos e esteiros, a presença de soldados e agentes federais era comum para os habitantes da zona. Aliás, a pista de La Víbora era usada pelas forças armadas para realizar manobras especiais. Por isso, ninguém estranhou que, em finais de outubro de 1991, tivessem chegado grupos de soldados para cortar o mato espesso a golpes de machete e limpar o caminho de obstáculos.

Mas precisamente uma semana depois, na manhã de 7 de novembro daquele mesmo ano, o Exército, as autoridades federais e uma avioneta Cessna de origem colombiana viram-se envolvidos num escândalo sangrento que conseguiu contornar o apertado cerco de censura do governo: membros do 13.º Batalhão de Infantaria do Exército abriram fogo contra um grupo de agentes da PJF que se encontravam no local para deter a tripulação de uma avioneta de proveniência colombiana detetada na costa da Nicarágua pelo Serviço de Fronteiras norte-americano. A avioneta Cessna, supostamente com traficantes colombianos, aterrou sobre o Llano de la Víbora às seis e cinquenta da manhã daquele 7 de novembro, seguida pelo King Air dos agentes da PJF. Os tripulantes da avioneta

— um homem afro-americano e uma mulher loura, segundo as testemunhas — largaram o carregamento de trezentos e cinquenta e cinco quilos de cocaína em sacos e desapareceram no monte, enquanto os soldados do 13.º Batalhão de Infantaria, posicionados em duas colunas ao longo da pista, aguardaram que os agentes federais saíssem da sua aeronave antes de abrirem fogo contra eles para os «neutralizarem».

Daquele acontecimento, recordo duas fotografias que apareceram no jornal local *Notiver*. Numa delas, sete homens jaziam em fila na erva, de barriga para baixo. Eram os agentes atingidos pelo Exército. Cinco deles traziam roupas escuras e outros dois estavam vestidos à civil, e embora tivessem samarras pretas, sujas de terra e ervas, nenhum deles tinha sapatos. A segunda fotografia mostrava um agente federal sentado no chão, com o cano de uma espingarda apontada à cabeça. O sujeito, com as siglas da PJJ no peito, olhava diretamente para a lente. Os seus lábios, meio congelados por um espasmo de angústia, deixavam entrever uma língua inchada e ressequida: foi o único agente que sobreviveu ao ataque.

Era dezembro — ou talvez janeiro ou fevereiro — quando vi aquelas fotografias, impressas numa das páginas daquele jornal velho que eu usava para apanhar a folhagem que passei a tarde a varrer no pátio. E digo que deve ter sido nestas datas porque é a única época do ano em que as frentes frias deixam despidas as copas até ali alaranjadas das amendoeiras tropicais da cidade. Lembro-me de estar acorçada naquele pátio a olhar para as imagens e a ler com curiosidade as notícias da secção criminal estendida em cima do chão de cimento, mas demorei mais de dez anos a relacionar aquelas duas imagens — a fotografia dos polícias mortos e a recordação das estranhas luzes coloridas que vi no céu no verão dos meus nove

anos — e a concluir com tristeza que aquele objeto voador não identificado nunca transportou extraterrestres, apenas carregamentos de cocaína colombiana.

Depois do tiroteio de La Víbora, de outros incidentes semelhantes ocorridos em Nopaltepec, Cosamoloapan e Carlos A. Carillo e de vários acidentes de viação protagonizados por adolescentes bêbedos, o governo de Boca del Río proibiu durante alguns meses as visitas noturnas às praias, por isso, depois dessa última e decepcionante visita, não voltámos à Playa del Muerto até finais de 1992, que, nessa altura, já tinha perdido todo o encanto. Novas rochas de quebra-mar tinham ganhado ainda mais terreno ao mar e o sítio estava agora abarrotado de vendedores ambulantes e turistas. Já nem existiam os escabrosos cartazes com caveiras a avisar a formação de agueiros e, com o tempo, o nome «Playa del Muerto» caiu em desuso, tendo sido substituído por um mais apelativo e turístico, e muito menos tétrico: Playa Los Arcos.

Acho que nunca mais na vida voltei a acreditar em alguma coisa com tanta fé como acreditei nos extraterrestres. Nem mesmo na Fada dos Dentes, no Pai Natal ou no Homem sem Cabeça (o meu pai contava-me que ele aparecia no Playón de Hornos à procura da sua cabeça na água, que tinha explodido durante a invasão norte-americana de 14), muito menos na manta-raia-gigante-antropófaga-voadora das Ilhas Fiji e, mais tarde, nem sequer Deus se salvaria da minha incredulidade. Era tudo mentira, invenções dos adultos. Todos aqueles seres maravilhosos com poderes inauditos não passavam da imaginação dos nossos pais.

Dizem os atuais habitantes da zona que, quando a Lua está ausente, estranhas luzes coloridas ainda atravessam a noite para

aterrar na planície. Mas já não tenho ânimo para ir à procura de extraterrestres. Aquela pequena e rechonchuda vigilante intergaláctica já não existe, como também não existe a Playa del Muerto nem os valentes idiotas que ali se afogaram.

Num dos muitos relatos impressionantes, mas também caricatos, que compõem este livro uma inteira prisão em Veracruz, no México, é esvaziada à pressa dos seus mil reclusos para servir de cenário a um filme de Hollywood. No entanto, para garantir um efeito mais realístico ao filme, polícias, ex-reclusos e criminosos são contratados como figurantes, tornando-se impossível distinguir quem é quem durante as filmagens e instalando-se assim o pânico. De igual modo, no texto que dá título ao volume, um grupo de clandestinos desesperados confunde a cidade de Veracruz com Miami.

É neste jogo de aparências, na ténue linha que separa o verdadeiro do inverosímil, que se posiciona *Isto não É Miami*, um livro de relatos que tem por base histórias verdadeiras recolhidas por Fernanda Melchor ao longo de dez anos, espelho de uma sociedade que se confronta com o rosto da injustiça e da brutalidade, e que granjeou à autora o imediato reconhecimento da crítica internacional como uma das mais singulares escritoras da atualidade.

«Melchor brinca com a forma para expor mentiras,
hipocrisias, ódios e equívocos que suavizam
ou contornam a realidade do mal humano.»

Los Angeles Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-640-6



9 789895 836406